

AS INTERFERÊNCIAS CULTURAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Quando se pensa no ensino de língua portuguesa em Timor-Leste é preciso levar em conta que se trata do ensino de uma língua que não é a língua utilizada cotidianamente pelos timorenses e, sobretudo, que não é a língua materna desse povo, salvo raras exceções. Como língua não materna compreende-se àquela que se contrapõe à língua materna, ou seja, a que é aprendida como primeiro instrumento de comunicação e estabelece relações sociais, afetivas, etc. entre o sujeito que a adquire e o contexto em que está inserido.

O ensino de língua portuguesa em Timor ocorre em meio à multiplicidade linguística presente no país. Em uma mesma sala de aula, o professor se depara com alunos possuidores de diferentes línguas maternas. Nesse contexto, a língua tétum se torna importante instrumento de comunicação, pois é falada pela maioria dos timorenses e apresenta-se como estratégia que auxilia o desenvolvimento da língua que se deseja ensinar. Faz-se necessário, portanto, um conhecimento mínimo da língua que os alunos dominam, pois assim o docente pode utilizar-se de aproximações entre ambas as línguas. Dentre as características linguísticas dos

idiomas falados localmente em Timor-Leste, nas quais o professor que aqui atua tem que ser preparado para enfrentar, destaca-se: a ordem das palavras, a forma como ocorre a marcação do plural, o emprego dos tempos verbais, a ausência dos artigos, a resposta a perguntas na negativa e a utilização de empréstimos lexicais da língua do antigo invasor, a Indonésia.

O ensino de língua portuguesa em Timor ocorre em meio à multiplicidade linguística.

É preciso abarcar também, no conjunto de fatores que interferem no aprendizado de uma língua não materna, os elementos pertencentes ao contexto extraverbal da língua, como o tempo histórico e o espaço social, que constituem e demarcam sua presença em determinada sociedade. Quando o professor planeja ensinar a um grupo de pessoas outra língua, ele deve ter consciência das razões que levam a que aquele conjunto de pessoas a queira aprender. Os timorenses, em geral, associam à importância em aprender a língua portuguesa ao fato de esta língua figurar como língua oficial em Timor. Há, por parte deles, uma valoração positiva dos enunciados provenientes de esferas ideológicas como, por exemplo, a do governo. Ao mesmo tempo, os

timorenses tomam para si a obrigatoriedade de aprendê-la "quer queira quer não".

Os elementos histórico-sociais que estão fora do sistema linguístico constituem também aquilo que é, ou virá a ser a língua portuguesa em Timor-Leste. É preciso observar a presença dessa língua no país em meio a esses elementos para que se possa compreender seu papel na sociedade timorense, sobretudo pelos sujeitos que intentam ensiná-la. Pode-se dizer que a escolha da língua portuguesa como língua oficial em Timor se deve muito mais a sua presença na gênese de uma identidade nacional do que ao número de falantes dessa língua em território timorense, ou seja, essa opção deriva de razões culturais e identitárias.

Nesse sentido, é importante levar em conta a ação dos professores estrangeiros que atuam no processo de (re)introdução da língua portuguesa em Timor. Ou seja, agentes culturais externos, característica que certamente impregna uma influência nas referências culturais dos alunos. O professor que ensina português em Timor-Leste tem de estar ciente disso, caso contrário corre o risco de, ao ensinar a língua, sobrepor a sua cultura a de Timor. Ou seja, pode inserir valores, padrões, etc., que não coincidem com aqueles presentes nesse país. É preciso lembrar sempre que o ensino de língua portuguesa em Timor é voltado para o uso dessa língua em solo timorense, em meio à cultura e demais línguas desse povo.

Joice Eloi Guimarães
Mestre em Educação (PQLP/CAPES)
Email: joiceeg@hotmail.com

Liafuan: Palavra, o Coração da Língua

Mia Couto, escritor moçambicano, chama a capacidade que muitos africanos têm de circular entre diversas línguas de passaporte, um passaporte especial que permite viajar entre diferentes identidades e visitar a intimidade de outros. Essa poliglotia, essa capacidade de se comunicar em muitas línguas, de entrecruzá-las, de embaralhá-las por vezes, é também uma marca fundamental de Timor-Leste.

Viver e trabalhar neste pequeno país convidanos, a todo momento, a ir além dos idiomas que acreditamos saber. Por muitas vezes há silêncios que pedem para ser preenchidos por palavras outras que pescamos nas línguas que aqui descobrimos, sobretudo na língua tétum: assim, nosso português, por exemplo, fica repleto de barak, la iha, la bele ou bele, lafaek, maun, mana, kapáz. Ao pronunciarmos palavras de outra língua, nesse caso em especial, do tétum, é como se nos aproximássemos dessa língua e de quem a fala e, mesmo que por segundos, trocássemos cumplicidades.

O tétum, em particular, é uma língua repleta de imagens e metáforas. Conhecer alguns de seus vocábulos provoca em nós deslocamentos, obriga-nos a sair de nossos lugares de conforto, daquilo que acreditamos saber. Primeiro porque nos força a acessar sentidos outros para as palavras ditas; segundo porque cria imagens

internas que nos tocam; e terceiro porque, mesmo sem sermos capazes de dizer que conhecemos a alma timorense, somos capazes de tocar seu íntimo, não com a razão, mas com certa emoção.

A palavra utilizada em tétum para designar inveja, por exemplo, é laran moras que, literalmente, significa doente por dentro. Já para a pessoa generosa, encontramos a palavra laran di'ak, bom por dentro. O mar calmo é o mar feminino (tasi fetu) enquanto o mar bravio é o mar masculino (tasi mane). O pôr-do-sol é o sol que cai (loron monu), a noite (kalan) traz a escuridão, nakukun, que também é sinônimo de ignorância ou desconhecimento e à meia-noite, a noite se divide em duas (kalan fahe rua). O nascer do outro dia traz o sol, que também pode ser chamado de loron-matan ou o olho do dia. São esses apenas alguns poucos exemplos.

Ao visitar e trabalhar em Timor-Leste, os filhos desta terra partilham conosco esse passaporte. Supomos vir para ensinar e, caso nos coloquemos disponíveis, aprendemos. Palavra em tétum pode ser liafuan que também significa coração da língua. Ao tocar o tétum, ao conhecer algumas de suas palavras,

acessamos, mesmo que brevemente, o coração da língua e de seus falantes, algo, como também Mia Couto disse, profundamente poderoso.



Fotografia: Keu Apoema

Keu Apoema
Mestre em Educação (PQLP/CAPES)
e-mail: keu@apoema.art.br